

SATOLEP

Explorando a cidade de Pelotas a partir da literatura

SATOLEP
Exploring the city of Pelotas from literature

Bianca Ramires Soares¹ e André de Oliveira Torres Carrasco²

Resumo

Este artigo procura investigar as relações entre literatura e urbanismo, compreendendo as obras literárias como ferramentas capazes de explorar, de um modo geral, os processos de formação cultural das cidades e o processo de produção e apropriação do espaço urbano. A literatura, a arquitetura e o urbanismo foram em larga escala influenciados por movimentos culturais, políticos e estéticos constituídos na sociedade contemporânea. Desse modo o trabalho procura estabelecer relações entre textos literários e as possibilidades de sua utilização como ferramentas de leitura, interpretação e apropriação da forma urbana. O recorte da pesquisa seleciona a América Latina como território a ser explorado, concentrando sua abordagem no modo como estas questões se expressam na cidade de Pelotas. Desta maneira, busca reunir, tanto no campo da literatura quanto do urbanismo, interpretações dos fenômenos urbanos recentes de forma a construir uma investigação situada no contexto das manifestações culturais que podem ilustrar as consequências de uma crise urbana decorrente do esgotamento da matriz modernista funcionalista.

Palavras-chave: urbanização, literatura, América Latina.

Abstract

This article seeks to explore the relationship between literature and urbanism, understanding literary works as tools capable of exploring, in general, the processes of cultural formation of cities and the process of production and appropriation of urban space. Literature, architecture and urbanism were largely influenced by cultural, political and aesthetic movements constituted in contemporary society. In this way, the work seeks to establish relationships between literary texts and the possibilities of their use as tools for reading, interpreting and appropriating the urban form. For reasons of identity, the focus of the theme selects Latin America as a territory to be explored. In this way, it seeks to gather, both in the field of literature and urbanism, interpretations of recent urban phenomena in order to build an investigation situated in the context of cultural manifestations that can illustrate the consequences of an urban crisis resulting from the exhaustion of the modernist functionalist matrix.

Keywords: urbanization, literature, Latin America.

Introdução

Habitualmente, os discursos urbanos e habitacionais estão com a atenção e esforços voltados para vinculações ideológicas, dentre estas vinculações é possível citar a análise da tecnologia empregue nas construções, bem como a documentação de crítica das obras pragmáticas de arquitetura e urbanismo a partir da metade do século XX. Em 1940, segundo Atique (2005), a quinta edição do congresso Pan-Americano de Arquitetos já destaca a questão do urbanismo como tema central na busca por referências e aprofundamento no campo da arquitetura e do urbanismo. Dito isto, é possível perceber uma retomada nos debates acadêmicos sobre questões urbanas, entretanto até o presente momento sem a intenção direta de propor um debate sobre o cotidiano local, circunscrito regionalmente, no contorno latino-americano. Esta lacuna, anteriormente colocada ao debate urbano por Jacobs (2011), explora um contexto diferente do cenário em que o subdesenvolvimento se coloca, além de tratar exclusivamente da metrópole, não transgredindo o seu contexto, não sendo relacionado, portanto, ao conteúdo latino americano. Assim sendo, nos meandros dos debates acadêmicos esta produção relacionada ao cotidiano ainda é jovem. Em escalas diferentes o fenômeno urbano do cotidiano já foi em alguma medida explicado e alvo de estudos, ainda que não esteja esgotado. Desse modo, é possível pensar que ainda é recente o movimento de apreensão multidisciplinar sobre o território nas políticas públicas e também nos debates acadêmicos a respeito da história das cidades.

A literatura, em linhas gerais, se apresenta com certa capacidade de avançar no sentido da apropriação e construção dos espaços dentro das narrativas. Estas construções apresentam a possibilidade de um progresso mais imediato a um novo cenário, o que resulta, em aspectos mais sensíveis à realidade e ao tratamento da questão temporal. Em vias disso, há uma ênfase inicial na busca por aspectos espaciais que tenham sob pano de fundo questões relacionadas à descrição de um cotidiano em fragmentos onde há expressão da literatura em sua característica mais simples de narração do espaço a ser imaginado pelo leitor.

Assim, este trabalho procura apresentar um breve estudo de caso, a partir de uma obra de literatura que toma a cidade de Pelotas - ou seu reflexo a partir de um espelhamento proposto pelo autor - como uma das protagonistas do enredo. Para ser possível o entendimento sobre esta obra específica e seus desdobramentos nos termos propostos pela pesquisa, procurou-se percorrer algumas perspectivas em passagens da literatura e que, em contexto, pudessem apresentar a situação ao longo do tempo da produção literária latino-americana.

Dimensão Urbana da Literatura

Por questões de apropriação e de apreensão do território, se escolheu uma obra local que possibilitasse a associação direta entre aspectos físicos e aspectos culturais da cidade de Pelotas. É possível considerar que a formação de uma literatura latino-americana possui uma história recente. Segundo Moisés (1997), nos últimos quinhentos anos se consolidou o que hoje é possível chamar de uma literatura latino-americana, o que nos permite pensar que o histórico recente de uma consolidação da representatividade literária na América Latina produziu, ainda que em português e espanhol, principais línguas que fomos colonizados, prolongamentos excêntricos das literaturas europeias, forçando-as desde então a lidar com uma questão de identidade cultural (PERRONE-MOISÉS, 1997).

¹ Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL/2019).

² Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP/2011).

Nesse sentido, observa-se que ao longo da história, tanto a literatura quanto o urbanismo latino-americano sofreram transformações expressivas, considerando os períodos entre colonização, independência, industrialização, urbanização e consolidação dos centros urbanos. Segundo Segre (1983), a partir da década de 30, países como Brasil, Argentina, México, Venezuela, Chile, entre outros, sofreram um processo acelerado de industrialização, o que produziu um intenso processo de urbanização no território latino americano. Desse modo, este artigo reconhece, no contexto latino americano, a possibilidade de explorar a constituição de influências mútuas entre estes dois campos da cultura e do conhecimento: o urbanismo e a literatura.

Por outro lado, Waisman (2013) rejeita a concepção inicial das unidades históricas como determinantes para a categorização da produção material nas cidades latino americanas. Estas concepções, segundo a autora, apesar de serem determinadas por historiadores, devem ter um sentido e se justificarem. Assim, dentro do universo da produção social e material produto dessas consequências, periodizações e divergências sobre os desdobramentos históricos evolutivos dos territórios, este trabalho procura entender e contribuir ao debate sobre como o urbanismo é capaz de produzir e ser produto da literatura em culturas locais, procurando explorar, através das interações entre literatura e urbanismo, seus desdobramentos nas cidades da América Latina ao longo do último século. E, no que diz respeito à uma literatura latino-americana, o que seus registros são capazes de mostrar e de que modo em suas obras aparecem rastros de crise do urbanismo moderno. Este artigo também propõe explorar como esses registros literários poderiam fomentar, a partir de metodologias próprias, a indução de outras práticas urbanas contemporâneas.

Orientando o estudo para as produções que incorporam fenômenos urbanos, dentro desse espectro, é possível considerar que algumas obras literárias são capazes de apresentar ao leitor o processo de formação, modernização e crise das cidades a partir da perspectiva de seus autores. Assim sendo, existem obras capazes de se deter em muitos processos observados na sociedade, dentre esses a urbanização. Usando o entendimento citado anteriormente de que a urbanização, assim como a literatura, são produtos recentes na história, é possível construir o questionamento e pensar, a partir da literatura, no contexto em que se consolidaram esses territórios urbanizados.

Nesse sentido, é importante recordar que por vezes a ideia de uma cidade latino-americana, no estudo de arquitetura e urbanismo, pode conduzir ao pensamento simplificado de apenas uma porção do território ou um recorte geográfico. Entretanto, este trabalho considera que a construção desta noção é sobretudo cultural, da mesma forma como são os elementos plurais que compõem a literatura (GORELIK, 2005).

Adrián Gorelik (2005) apresenta uma interpretação a respeito de uma caracterização geral que coloca as cidades latino-americanas como uma construção cultural. Esta formulação é um dos argumentos que direcionam este trabalho, visto que a análise procura se dar dentro deste recorte territorial. Segundo o autor, a construção da ideia de uma cidade latino-americana faz sentido se pensarmos como uma construção cultural, porém nunca como conceito integral. À medida em que estas cidades também possuem um universo de particularidades distintas, o que as torna extremamente diferentes entre si.

A cidade latino-americana não pode ser tomada, então, como uma realidade natural, como uma categoria explicativa da diversidade de cidades realmente existentes na América Latina. Assim, devemos constatar, ao mesmo tempo e de modo inverso, que a 'cidade latino-americana' existe, mas de outra forma: não como uma ontologia, mas como uma construção cultural (GORELIK, Adrián, 2005, pg. 112) .

Assim, as cidades também assumem o caráter simbólico de lugar onde se produzem e se manifestam distintos imaginários, acessando outros domínios subjetivos da paisagem e do significado das coisas que de fato possam ser materializadas. As cidades vivenciaram diversas manifestações culturais e sociais ao longo de sua história. O meio urbano definiu a forma e ao mesmo tempo teve sua forma definida por estas expressividades. Suas formações, hierarquizações e relações são o acervo para o aspecto experimental desses usos cumulativos. O presente trabalho considera que determinadas passagens da literatura latino-americana contemporânea podem, por um lado, ilustrar determinados fenômenos urbanos a partir de perspectivas particulares, e por outro, permitir explorar situações urbanas a partir de um entendimento próprio do texto literário. Mesmo sabendo que o conteúdo urbano ensaiado na literatura se encontra por natureza em um tempo passado, ou seja, quando se aborda algo em uma narrativa a construção dessa imagem já passou, é possível considerar que o mesmo ocorre nos projetos urbanos. Projetamos a partir de um território estático, geralmente sob um ponto de vista cartesiano, produzindo para o futuro uma ficção que também tem como fundamento uma realidade que já passou.

Desse modo, o vínculo do fenômeno da arquitetura com o sistema econômico geral, entende que o cidadão, assumirá o papel diante da escala urbana de "consumidor da cidade". Essa analogia ao consumo é estabelecida para esta escala, uma vez que o usuário é o fomentador de bens e de serviços, neste caso, é ele quem exerce esse papel ainda que haja uma adaptação das condições de vida social às mudanças impostas pela racionalização e não ao contrário. Entretanto, Arantes (2009) esclarece que a simplificação dos problemas urbanos como sendo decorrentes apenas da ordem de consumo coletivo e do conflito entre trabalhadores e o Estado se coloca como um encontro de saídas facilitadas, elegendo novos sujeitos. O autor coloca que para o marxismo esses sujeitos, dos movimentos sociais presentes na cidade permanecem indecifráveis como classe social. Na conjectura da explicação da América Latina, eles constituem o eixo da marginalidade (ARANTES, 2009).

Ainda assim, de acordo com Liernur (2010), a modernidade, em um sentido amplo do termo, se constituiu inicialmente como um movimento dual e paradoxal. O autor aborda a questão da complexidade da modernidade estabelecendo como o motivo dessa complexidade o fato de que a modernidade abrangia uma gama de assuntos, os quais impulsionaram a expansão e a universalização do capital, do consumo, da igualdade política e da razão ocidental. Durante esse período, segundo o autor, é tido como fundamental impulsionamento a universalização e a expansão do capital, do consumo, da igualdade política e da razão. No entanto, para que haja a imposição das mesmas, são necessárias forças que fomentem a individualização, como a burguesia, o novo, as nações e as subjetividades (LIENUR, 2010).

Desse modo, ainda segundo o autor, apesar de inicialmente tomar uma posição mais generalista sobre os processos que constituíram o que o autor chama de modernidade, o mesmo afirma que existe certa divergência entre a construção do pensamento modernista na arquitetura e urbanismo e em outras áreas, como a arte ou a literatura, para as quais a explicação da expansão capitalista surge como essencial para o entendimento da constituição de modernidade. No entanto, o autor coloca que o discurso do modernismo dentro da história da arquitetura e do urbanismo ignora as existências do imperialismo, colonialismo e neocolonialismo. Negligenciando estes discursos e incorporando de uma maneira ingênua as consequências da globalização. Assim sendo, é possível considerar que existem pontos de convergência e divergência entre o urbanismo e a literatura, sendo possível traçar algumas relações entre eles, principalmente ao longo do século XX, a partir de um paralelo entre os principais movimentos sociais atravessados pela literatura, dos principais movimentos literários e os movimentos que defendiam a renovação da linguagem da arquitetura e,

consequentemente, no urbanismo. Nesse sentido, por exemplo, podemos perceber que existiu movimento moderno tanto na literatura quanto no urbanismo, e nos dois casos, ambos modernismos foram movimentos que tiveram subdivisões.

Para tanto, assim como o Movimento Moderno alcançou o urbanismo, a literatura também foi impactada por manifestações das vanguardas históricas. Na virada do século XIX para o século XX, os movimentos de vanguarda na arquitetura e no urbanismo avançaram na construção de um consenso em torno de uma abordagem excessivamente racionalista das cidades, culminando com a publicação e generalização das recomendações que seguiam a Carta de Atenas. Segundo Frampton (2003), o discurso da arquitetura moderna desenhava certas vicissitudes, dentre eles a ideia de que a arquitetura inclui o vínculo entre o fenômeno da arquitetura e do sistema econômico geral, como também aborda que a padronização e racionalização ocorrem de algumas formas, dentre elas, através das simplificações dos métodos aplicados à concepção, produção e apropriação das obras.

Novos autores deram luz à chegada dos novos tipos de narrativas, definindo novas expressividades. No urbanismo, novos tipos de concepção do espaço e de construção foram formulados e defendidos neste processo. Segundo Castro (2016), a história cultural urbana está aberta às disciplinas que tenham algo a contribuir no conteúdo sobre cidades e, portanto, isso resulta em novas definições em torno dela, a literatura, a política, a sociologia, a arquitetura, também passam por uma nova codificação ao serem reformuladas por novos filtros. No panorama cultural das cidades latino-americanas, várias questões causam certo estranhamento em relação à constituição das vanguardas na América Latina. Originalmente, as vanguardas europeias, ou também chamadas neste texto vanguardas históricas, contrapunham-se às expressividades vigentes na Europa e à sociedade que as produziu, propondo sua reorganização. O padrão revolucionário das vanguardas europeias se organizava contra a constituição e organização das formas políticas e sociais vigentes. Segundo Adrián Gorelik (2005) as vanguardas na América Latina são vanguardas adjetivadas, ou seja, não são apenas vanguardas, mas uma construção de significado em um momento no qual ainda está sendo criada uma identidade nacional para esses lugares. Sendo assim, os movimentos de vanguarda são tidos como movimentos passíveis de incorporar novos significados, enquanto ainda está sendo constituída uma identificação do território. Gorelik (2005) explora a necessidade de adjetivação, colocando então as vanguardas latino americanas como vanguardas classicistas, reativas, tropicais, oficiais, entre outras.

Entre as décadas de 20 e 30 a Europa já estava consolidada em sua representatividade e expressividade, enquanto a América Latina ainda constituía sua identidade. Gorelik (2011) aponta que um Estado nacionalista benfeitor, típico da realidade latino-americana no período, atua na reorganização a capitalista do território, imbuídos de um desenvolvimentismo já pré-estabelecido pelos nacionalismos em ascensão na época da constituição de uma identidade cultural para a América Latina. E nesse momento urbanismo, Estado e vanguarda confluem na necessidade de construir uma cultura própria (GORELIK, 2005).

Por outro lado, pensar as vanguardas na América Latina como potencial revolucionário de mudança no período dos anos 20 aos anos 30, é uma questão bastante complexa. Desponta, neste período, um imaginário predecessor a uma identidade cultural que ilustra a ideia de que é a nação mais do que a sociedade, o que torna difícil a compreensão do potencial revolucionário das vanguardas de um ponto de vista cultural. Os intelectuais brasileiros estavam imbuídos, junto e financiados pelo o Estado para a criação de uma identidade cultural nacional. Neste período, no Brasil, segundo Martins (2010), houve um processo de cooptação dos intelectuais da época pelos setores

dominantes da economia e pelo aparelho estatal.

Luciano Martins indica que, ao contrário do que fez a força da intelligentsia russa, os intelectuais brasileiros, mesmo os mais lúcidos denunciadores da miséria moral e material do país, são incapazes de superar em seu discurso o domínio da crítica moral, frequentemente confusa: “os protestos e perplexidades não chegam a se converter em um projeto de transformação da sociedade (MARTINS, 2010, pág. 281).

Para isso, é possível delinear um percurso que teria como ponto de partida uma discussão em torno da ideia de vanguarda; do contexto histórico de sua consolidação; de suas manifestações tanto no campo da literatura quanto no da arquitetura e urbanismo e de sua importância na construção e consolidação da noção do direito à arte. As vanguardas aconteceram de diversas formas ao redor do mundo, para tanto, é possível citar os casos de vanguardas em sociedades já política e culturalmente estabelecidas e no contexto da formação da América Latina de maneiras distintas.

Em seguida, seria importante refletir a respeito das particularidades em torno das formas pelas quais estas manifestações de vanguarda chegaram e se consolidaram na América Latina; das tensões entre a constituição original destas expressividades e um contexto periférico e das semelhanças e diferenças entre as manifestações locais. A partir deste ponto, seria possível identificar e explorar as relações entre a produção literária e a produção de espaço urbano decorrentes deste contexto, entre obras específicas em cada um dos campos; entre tipos e possibilidades de narrativas e escalas de leitura e intervenção no espaço, chegando até nas possibilidades de interação entre seus personagens.

Certa atenção deve ser dada ao paralelo das vanguardas no continente latino-americano. De acordo com Gorelik (2005), as vanguardas estabelecidas na América Latina possuem uma série de analogias. O conceito de imaginário sempre figurou nos aspectos de textura do espaço social das cidades. Assim, as vanguardas tendem a explicar os desdobramentos dos movimentos artísticos, políticos e sociais.

Direito à Cidade e Direito à Literatura

Segundo Antônio Candido, a literatura dá acesso a uma possibilidade de leitura do mundo, na qual o texto literário dá a oportunidade de testar coisas, de estar presente em lugares, de estar com pessoas que talvez jamais conheceríamos, lugares que jamais visitaríamos (CANDIDO, 2011).

Uma sociedade sem a possibilidade de imaginar, de pensar o mundo diferente do que ele é, não tem poder transformador da realidade. É uma sociedade que não consegue se estabelecer politicamente. A literatura, por sua vez, dá amparo à construção individual da forma de ver, dando acesso a cenários alternativos. Estes são fundamentais porque são uma perspectiva de futuro, que além de possivelmente ligados ao bem estar geral, dão subsídios à imaginação. Dessa forma, voltando às questões particulares do desenvolvimento do urbanismo no cenário urbano, se não há imaginação não existe a possibilidade de existir um novo pensar.

A organização do pensamento coletivo a respeito das questões urbanas se dá através de uma construção superior que possibilite a formação de um olhar que vai além das imagens postas cotidianamente no cenário urbano. Desse modo, mudanças e conflitos são gerados, ocorrendo a produção de novos cenários. Existe, na sociedade, uma

produção material desenfreada que se impõe à vida cotidiana, e por consequência disto, uma forte inclinação voltada ao consumo, o que dificulta uma visão atenta a todas experiências que desenham a urbanidade. A organização do pensamento coletivo a respeito das questões urbanas se dá através de uma construção superior que possibilita a formação de um olhar que vai além das imagens postas cotidianamente no cenário urbano.

Se não existe a possibilidade de um novo pensamento não há como existir um novo projeto urbano ou, indo mais adiante, um processo de planejamento urbano que seja transgressor e fuja dos meios tradicionais, repetitivos e homogêneos, interditando uma construção política do espaço. A literatura é arte em forma de discurso, é manifestação cultural e capacidade de argumentação diante de um mundo desigual, que pode ser uma ferramenta potente para as grandes demonstrações das raízes profundas de nossas desigualdades. O urbanismo possui questões profundas sobre a produção de desigualdades, enquanto a literatura se ocupou em retratar algumas destas desigualdades, o urbanismo por sua vez foi responsável também por produzi-las.

Assim sendo, a intenção é abordar elementos de obras selecionadas, pela perspectiva de que cada elemento de uma narrativa literária atribui determinados sentidos e significações para o processo de urbanização das cidades latino americanas ao mesmo tempo que tem seu sentido e significação determinados por esse mesmo processo. Desta forma, é preciso procurar e explorar estas conexões e compreender como elas se realizam e se inserem dentro do contexto de nossas cidades.

Devido à heterogeneidade da produção literária latino-americana, e com a intenção de fixar o estudo em uma produção literária que segue uma mesma lógica, análoga a lógica de construção de um projeto urbano, decidiu-se nortear o estudo na busca de repertório na produção literária latino-americana contemporânea que pudesse delimitar o estudo. Na intenção de fazer um estudo mais aprofundado da reflexão contemporânea sobre a cidade, tornar mais restrita a dimensão do estudo e viabilizar o desenvolvimento deste, mostrou-se necessária a escolha de elementos que delimitassem tal universo. Com isto, percebeu-se que ao identificar e analisar passagens da literatura latino-americana contemporânea se pôde, por um lado, ilustrar determinados fenômenos urbanos, além de explorar situações urbanas a partir de perspectivas próprias do texto literário.

Visando superar uma lacuna cultural percebida nos projetos de planejamento urbano, este trabalho procura estabelecer uma articulação, um diálogo entre dois campos de tamanha importância para a constituição dos movimentos estabelecidos em malhas urbanas e que vão muito além delas. Nesse formato, o trabalho se justifica por buscar romper os limites da arquitetura e do urbanismo no âmbito da configuração da configuração espacial cartesiana, buscando propor um eixo linear de tempo, incluindo literatura, urbanismo e a historiografia arquitetônica, visto que grande parte da produção material produzida nos territórios é arquitetônica.

É ainda restrito o universo de pesquisas que abordam a literatura como ferramenta de leitura, análise e intervenção sobre o espaço urbano. Considerando que estas seriam as instâncias nas quais, ao menos como possibilidade, o direito à literatura poderia se articular com o direito à cidade, é preciso ter em conta alternativas para a superação dessas lacunas.

Uma vez que o direito à literatura está intimamente ligado aos direitos humanos (CANDIDO, 2011), o mesmo deve ser considerado em relação ao direito à cidade (LEFEBVRE, 2010). Se a construção de uma sociedade demanda a construção dos mundos endógenos e exógenos de seus cidadãos e de seu espaço cultural, a consistência desse processo relaciona-se com sua capacidade de criação, seja em

literatura, seja em urbanismo. Tal capacidade de criação é proporcional ao tamanho de seu mundo, e por sua vez, seu mundo do tamanho dos mundos conhecidos. Nessa linha, devido à grande potência dessa articulação, torna-se a cada dia mais necessário o entendimento da literatura de maneira integrada à cidade. Desse modo, considerando o direito à cidade como primário e básico a todos, de maneira correspondente é possível defender o direito à literatura.

Num contexto que predomina a desigualdade urbana, o acesso aos espaços culturais da cidade não está disponível para todos. Sob diferentes perspectivas é possível perceber uma série de barreiras de classe, gênero e raça, principalmente ao se observar as relações de produção e apropriação destes espaços. Uma vez que a produção cultural seja de difícil acesso, torna-se de difícil entendimento a mesma como importante construtora da paisagem nas cidades. Neste sentido, é possível dar protagonismo à literatura, que é arte em forma de discurso, podendo desse modo, sustentar e dar suporte a uma construção de mundo que não é somente externa, mas também interna de cada ser humano.

Segundo Paola Jacques (2012), a sociedade caminha justamente no sentido oposto, na medida em que sentimos o empobrecimento das narrativas. A autora tem o entendimento de que o “próprio exercício de narração já está associado a uma prática espacial” (JACQUES, 2012, p.17). De acordo com Jacques (2012), há grande importância das narrativas para a construção dos sujeitos. Desta maneira, a sociedade atual, focada no espetáculo e centrada nas questões do capital, fomenta a morte das narrativas. Logo, no lugar onde elas morrem nasce uma cidade homogênea e cheia de limites. Lugar este, onde há perda da capacidade de transmissão da experiência e impossibilidade de experiências coletivas. Inexistência também da memória (JACQUES, 2012).

A busca por um caminho comum entre literatura e urbanismos resultou no interesse do estudo das obras da Internacional Situacionista (IS), que, segundo Jacques (2011) formava um grupo de artistas, pensadores e ativistas que lutavam contra a alienação e a passividade da sociedade moderna contemporânea. Nesse sentido, a força crítica dessas ideias delineava um movimento mais amplo que alcançava âmbitos artísticos, sociais, culturais e, sobretudo políticos (JACQUES, 1998). Posto isto, ponderando que o ambiente urbano, por vezes, se apresenta como elemento central de algumas narrativas literárias contemporâneas, podemos pensar em uma possível relação de interferências mútuas entre literatura e urbanismo no contexto latino americano.

Através das narrativas e da literatura podemos compor a imagem de um espaço, seja ele real ou abstrato, fruto de uma invenção ou de fatos. A cidade está presente na literatura e, por sua vez, a literatura está na urbanização. É sabido também que a literatura tem o poder de transformar seus leitores e conseqüentemente seus leitores também a transformam (CASARES, A. B., BORGES, J. L., OCAMPO, S., 2019).

Isto posto, se torna possível construir uma reflexão a respeito de como estes campos do conhecimento, e suas respectivas categorias de análise e de produção, podem se articular tanto em termos conceituais quanto metodológicos, visando estabelecer as conexões necessárias para uma identificação entre o direito à literatura e o direito à cidade.

A respeito da urbanização, a modernidade, enquanto engrenagem do pensamento estruturante das vanguardas históricas, apresenta uma dimensão ambivalente dos estados da arte nesse período (ARANTES, 1998). Os desdobramentos do período, apesar de garantirem os avanços dos movimentos artísticos durante o processo, calcificaram o desenvolvimento do terceiro mundo em uma matriz capitalista de promoção cultural. Nesse sentido, a força de mudança das narrativas ficou

comprometida, engessada e com vínculos no capital que as detinha.

Assim esta reflexão se organizaria em camadas de questionamentos, que são relativas a distintos elementos das narrativas urbanas, incorporando questões relativas à paisagem, habitat urbano e produção do espaço com enfoque no pensamento e crítica na criação da imagem das cidades contemporâneas.

Sobre a perspectiva do direito à cidade e do acesso à literatura, podemos orientar ambos, pensados em lógicas diferentes, mas unidos por ideais de acesso em comum. Pode-se pensar em um direito à cidade e um acesso a literatura que não se concretizam, que não chegam da mesma forma a todos, para que haja a apropriação por parte daqueles que usam a cidade. É evidente que este pensamento é complexo e passa por vários vieses, como o da falta de acesso aos livros e material literário de qualidade, falta de acesso a espaços culturais na cidade que possibilitem conexões e ainda pouco tempo de conexão do usuário com essas esferas do ensino e da cultura. Uma cultura voltada para o consumo, como mencionado anteriormente, uma grande questão em se articular um pensamento entre a cultura do capital e seus engendramentos intrínsecos na formação da cultura e, desse mesmo modo, sobre a produção e formação cultural das cidades. Tanto no texto sobre direito à literatura escrito por Candido (2011) quanto no texto em que Lefebvre (2010) escreve sobre o direito à cidade, a democratização do acesso e das possibilidades de intervenção são pontos importantes para o debate das questões de direito e acesso aos espaços, estejam eles em um ambiente físico ou imaginário. Nesse sentido, as vanguardas, de uma maneira geral, já adotavam posicionamentos que abordavam a conjuntura atual dos sistemas, num sentido de se expressar também sobre a sombra cultural da promoção da identidade cultural feita pelo sistema nacional.

É possível também pensar em questões que apontam para a não realização de um direito à cidade e de um direito à literatura. Esses direitos, eram bandeiras estabelecidas das vanguardas artísticas e históricas. Entretanto, no caso da América Latina, pela necessidade da criação de uma identidade cultural, pela importância da possibilidade de identificação com os próprios costumes, própria cultura e modo de vida, os movimentos de vanguarda foram necessários para a construção de um território de identificação. Se, por um lado, isso possibilitou uma série de reconhecimentos culturais e históricos, por outro, fez com que houvesse no processo de constituição cultural um forte conluio com o modelo de modernização capitalista adotado, além do cooptação desses intelectuais na época.

Assim sendo, estes seriam os fundamentos dos questionamentos sobre as relações entre a formação e produção cultural e as dinâmicas de urbanização no território na América Latina, que por sua vez definiriam um contexto no qual tanto o direito à cidade quanto o direito à literatura se realizaram principalmente como negatividade. A formação cultural e urbana latino-americana, e principalmente a brasileira, existiu como parte de um projeto amplo e complexo, que envolveu uma série de variáveis. Por este motivo, como já citado anteriormente, esta pesquisa não procura organizar um material com o intuito de se obter uma síntese sobre os processos de interação entre a literatura e o urbanismo nas cidades latino americanas e sim, criar um eixo de conexão entre assuntos que se influenciam mutuamente ao longo da história de formação destes territórios com uma ampla diversidade cultural e um histórico de desigualdade, visando explorar alternativas de superação de uma situação de não realização dos direitos à cidade e à literatura.

Construindo uma leitura urbana de Pelotas a partir de Satolep

Desse modo, o trabalho irá se apropriar da cidade de Pelotas, através do livro Satolep, de Vitor Ramil. A escolha dessa obra se deu por se tratar de uma obra latino-americana e sobretudo por a pesquisa ter sido idealizada e escrita em Pelotas. Em consequência disso, por tratar-se de uma obra local, possibilita uma aproximação com cenários físicos de correlação possível em uma análise urbana. Nesse sentido, a intenção é produzir uma breve deriva cartográfica a partir da obra, entendendo o que a narrativa desenvolvida pelo autor “mostra” e o que ela “esconde” sobre os conflitos passados, presentes e futuros no espaço urbano da cidade de Pelotas.

No começo do livro a personagem principal chega a um espaço não muito bem definido. Aos poucos o espaço vai sendo descrito, em uma sequência. Assim, neste percurso, este sujeito, que chega a Satolep, estabelece certo distanciamento em relação ao espaço ilustrado através da narrativa. Entretanto, é neste momento que esta figura central vai estabelecendo relação com os elementos encontrados durante o percurso, descrevendo seus encontros. No decorrer destes encontros existe uma passagem por pensamentos que o protagonista tem sobre os elementos da cidade com que se depara, além de alguns desabafos. Nesse sentido, expõe sobre como o clima influencia em suas emoções ao longo da trajetória percorrida no livro, contribuindo para a ilustração do caminhar e por consequência torna possível uma apreensão da cidade através do caminhar.

Após isto, serão pensadas e organizadas narrativas complementares para a construção da reflexão. Desse modo, estas narrativas de autores virão a complementar a reflexão, procurando ilustrar outros cenários possíveis. Posteriormente, investigar se existem narrativas de outros autores que estejam à margem, ou ainda, se existem outros tempos dentro ou fora dessas narrativas. Por fim, fazer uma análise dessa estrutura e produzir associações.

Com o intuito de produzir uma leitura cultural contra hegemônica, é possível pensar que uma cultura é composta de diversos eixos estruturadores a respeito da formação de um conjunto de conhecimento, ações, comportamento, crenças e costumes. Gorelik (2005) escreve no momento em que esta produção está à tona, produzindo uma identidade para a América Latina. Neste contexto, junto de outros autores, elementos são organizados a fim de estruturar o que se pode chamar de teoria da dependência. Destas teorias contra hegemônicas podemos pensar também na teoria crítica, que, em linhas gerais, pode ser caracterizada brevemente como a produção ou um resultado da chamada Escola de Frankfurt. Walter Benjamin desenvolve sua obra neste contexto. Por não ser monolítica, sua obra estabelece aproximação com várias áreas do conhecimento, sendo uma delas a literatura. Benjamin (1995), descreve em um capítulo chamado O Narrador, características próprias daquele que narra um espaço, mostrando que há a necessidade de um certo afastamento por parte daquele que narra, que escreve.

Argan (2005) coloca que nenhuma cidade é fruto da produção ou do processo de nenhum ser superior, que uma cidade, é, acima de tudo, produto de uma história. Ao encarar as cidades como fruto de processos que evoluem em si das características coletivas podemos assim pensar na narrativa e em como a estrutura histórica contribui para a consolidação de uma memória e, nesse sentido, para a constituição de um modelo que se transforma em algo espacial e de fato transforma o meio urbano. Existem várias formas de se criar uma abordagem a partir de um conceito, entretanto, para serem fixados alguns argumentos nesta reflexão são necessárias serem estabelecidas algumas das questões fundamentais em torno do objeto desta reflexão, que são as narrativas. Assim, pode-se desenhar uma estrutura básica de análise com base no

conceito benjaminiano de narrativa.

Utilizando o livro *Satolep* como narrativa a ser transposta sobre a cidade de Pelotas, uma questão que aparece é a de como esta narrativa é capaz de problematizar em si possíveis conflitos urbanos presentes na cidade e, deste modo, como dito anteriormente, quais conflitos e relatos destas experiências que estão à margem deste discurso esta narrativa poderia estar ocultando. Nesse sentido, é possível desenhar a trajetória desta narrativa, através da base de espaço físico por detrás da intenção de mostrar a cidade de *Satolep* com uma outra ótica, sob um outro ponto de vista. Esta *Satolep*, que é em si uma cidade de Pelotas de outro tempo, onde a narrativa é percorrida de um alguém que chega à cidade, sob uma perspectiva de fora, no entanto ao decorrer da narrativa este narrador estabelece uma conexão com elementos do cenário inventado, demonstrando reconhecimento do espaço. Neste instante, é possível perceber que este viajante se reconhece cada vez mais na cidade. Nesta continuidade, esta personagem que é o centro da narrativa passa a colocar sua visão de mundo, demonstrada por aquele que é o descritor deste espaço, é um indivíduo que já conhece a cidade e, nesse sentido, é capaz de reconhecer elementos materiais no ambiente urbano descrito. Então, uma leitura crítica à visão do ambiente urbano descrito pelo usuário desta *Satolep* é hábil em despertar ao leitor um sentimento de urbanidade em relação ao centro, fazendo daquele que descreve, parte do cenário descrito.

O livro em si, em uma perspectiva geral, é capaz de ilustrar um viajante por uma cidade de Pelotas como pano de fundo, apesar de o autor em sua obra romper com a temporalidade. O livro *Satolep*, se propõe a de contar uma narrativa de um viajante, um transeunte e um passageiro. É importante evidenciar que em momento algum o autor afirma que se trata de Pelotas. No decorrer do texto, o autor também estabelece relações diretas com hábitos regionais, como por exemplo a hora do chimarrão, e também com um certo reconhecimento de uma volta para casa. Há durante o percurso da personagem certa sociabilidade com os encontros proporcionados pela chegada à cidade elaborada pelo autor. Desse modo, é possível através da sua obra, pensar em um percurso do indivíduo pela cidade, um transeunte como o próprio autor chama em sua narrativa. Nesse sentido, esse indivíduo que deriva pela cidade, que em certos momentos parece uma Pelotas do passado, é capaz de ilustrar um cotidiano de alguém que se apropria no centro e não está à margem, apesar de um discurso em sua maioria mais centralizado, esta centralidade retoma um poder de força no centro, espaço físico que em uma narrativa atual já teria perdido certa força.

Esta personagem que inicialmente parece não conhecer a cidade, muda sua posição na continuidade da obra. Desse modo, é possível concluir que *Satolep* não é um livro sobre conflitos, não tem a intenção de produzir uma problematização sobre o espaço urbano. O que existe, em alguma medida, é uma discussão que passa sobre a construção patrimonial pelotense, que perpassa sobre os costumes e contorna alguns assuntos relacionados ao contexto das edificações históricas. No entanto, existe uma vasta realidade patrimonial e excludente que está à margem deste discurso centralizado em homens produzindo e tendo a possibilidade de falar sobre a cidade. Não só faltam ouvidos atentos a esta cidade que não é vista como também são escassos os diálogos com mulheres durante o decorrer da obra. As mulheres são colocadas na obra como lembrança ou como parte da cena.

Nesse sentido, surge a existência de grupos invisibilizados nas narrativas oficiais da cidade (RIETH; NETO; ALFONSO, 2018), desse modo, demandando reconhecimento de suas práticas, saberes e processos. Assim sendo, é possível deduzir que existe a possibilidade de uma obra literária desvendar um lugar, entretanto, a mesma obra é capaz de ocultar narrativas, fazendo com que a reprodução do ambiente urbano narrado seja um tanto parcial e segmentada. Dentre as mais diversas faces que uma

obra literária é capaz de assumir a posição de não contar com integralidade o espaço ainda assim é uma escolha de perspectiva, não se trata de um ponto de vista diverso, reproduzindo alguns estereótipos.

A respeito dos aspectos físicos da cidade, o livro é poético em ressaltar de descrever os vários lugares em que o narrador passa, o começo da obra se dá na estação, uma antiga estação ferroviária, equipamento urbano atualmente revitalizado. Após este momento na obra a personagem percorre vários elementos arquitetônicos de importante conexão com a cidade, dentre eles o mercado público, o teatro, a praça, a catedral, o autor fala também da conexão da cidade com o porto e sobre o canal São Gonçalo.

Nesta sequência, é legítimo pensar nos diálogos que este homem branco estabelece durante seu percurso, como uma conversa com um personagem cubano nesta viagem à cidade imaginada, onde neste momento, o autor aborda questões próprias sobre a criação da cidade e da relação desta construção urbana com a escravização dos povos africanos. Durante a narrativa é possível perceber os lugares que ele frequenta. Neste sentido, temos a deriva deste flâneur, que é sempre representado por um homem com o adendo de que ele também só frequenta lugares essencialmente masculinos, como o Café Aquário, por exemplo. Desse modo, reforça como a obra pode esconder alguns tipos de narrativas. Mostrando ao final do livro, que quem escreve e tem a possibilidade de escrever textos é um homem. Por fim, este artigo reforça, ainda que de maneira breve, que obras literárias são capazes de contar sobre a cena urbana de uma cidade, possibilitando a problematização e pensamento no contexto em que estão inseridas. E, deste modo, que possam existir narrativas complementares e estarem sofrendo um processo apagamento, sendo ocultadas.

Acerca da obra, é fundamental mencionar que neste percurso o autor não passa sobre o tema das áreas periféricas da cidade, precisamente aquelas as quais vivem os descendentes destes povos escravizados. Do mesmo modo, ele visita e elogia uma igreja cristã, mas não dá visibilidade aos rituais religiosos de matriz africana que se apropriam do espaço urbano - especialmente cruzamentos de vias - até os dias de hoje. Dessa forma, torna-se pertinente questionar se estes lugares e manifestações culturais realmente existem, ou ainda, se são autorizadas pelo pensamento hegemônico de *Satolep*.

Nesse sentido, é significativo considerar a necessidade de certo afastamento e amadurecimento em relação à espacialidade e à temporalidade das obras literárias, ainda assim, é um convite à exploração destas e outras possíveis narrativas latino-americanas de latente exposição destas perspectivas, validando discursos a que durante muito tempo só ocorreria relatar os espaços interiores e, nesta linha, que possuíam menos acesso restrito ao contexto urbano e, posto isso, teriam menos possibilidade e escuta para narrar questões sobre o espaço urbano, logo, demonstrando, que ainda há muito a ser explorado sobre urbanismo dentro das obras literárias latino-americanas.

Considerações Finais

A abordagem se mostra promissora e será desenvolvida e aprofundada na sequência do trabalho de pesquisa do mestrado, mas esse trabalho inicial já mostra efetivamente que obras literárias podem ser apropriadas para exercícios de leitura urbana, na medida em que, por um lado, confrontam abordagens excessivamente tecnicistas, e por outro, apresentam temas disparadores para uma análise crítica, que articulam forma urbana, história e sociedade.

Isto posto, pode-se concluir que a inclusão de obras da literatura em exercícios de

apropriação e planejamento dos territórios urbanos pode ser de grande valor para os assuntos urbanos. No entanto, é importante lembrar que se trata de um começo, que se inicia pelas bordas, nos debates acadêmicos. Na evolução das pesquisas sobre a cidade, enquanto se dá a teia de atividades e processos que acontecem nos centros urbanos a todo o momento, estamos sempre no passado. O tecido urbano se desenvolve diariamente e, dentro dele, todas narrativas que comporta. Assim, entende-se que o cotidiano é um alicerce para o desenvolvimento de outros “urbanismos” e de novas formas de pensar o espaço urbano.

Referências

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. *Urbanismo em fim de linha*. São Paulo: Edusp, 1998.

ARANTES, Pedro Fiori Arantes. *Em Busca do Urbano*. Novos Estudos, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CASTRO, Ana Cláudia (2016). Figurações da cidade: um olhar para a literatura como fonte da história urbana. *Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material*, 24(3), 99-120. <https://doi.org/10.1590/1982-02672016v24n0304>

CASARES, Adolfo Bioy BORGES, Jorge Luis. OCAMPO, Silvina. *Antologia da literatura fantástica* (org.) Trad. Josely Vianna Baptista. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FRAMPTON, Kenneth. *História Crítica da Arquitetura Moderna*. 2003

GORELİK, Adrian. A produção da “cidade latino-americana”; São Paulo: Tempo Social, *revista de sociologia da USP*, v.17, n.1, pp.111-133, 2005. Tradução Fernanda Arêas Peixoto.

GORELİK, Adrian. 1. Nostalgia e Plano. O Estado como vanguarda. In: *Das vanguardas à Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

GORELİK, Adrian. *La memoria material: ciudad e historia*. Bol. Inst. Hist. Argent. Am. Dr. Emilio Ravignani, Buenos Aires, n. 33, p. 181-187, dic. 2011. Disponível em <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0524-97672011000100026&lng=es

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. Crítica ao urbanismo. In: JACQUES. Paola Berenstein (org.) *Apologia da deriva*. Escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2010.

LIERNUR, Jorge Francisco. ¡Es el punto de vista, estúpido! In: *Arquitectura en teoría*. Escritos 1986-2010. Buenos Aires, Nobuko, 2010, pp. 273-288.

JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012. 331p.

MARTINS, Carlos A. F. Identidade nacional e Estado no projeto modernista. Modernidade, Estado e tradição. In: GUERRA, Abilio. (Org.). *Textos fundamentais*

sobre história da arquitetura moderna brasileira. Parte 1. São Paulo: Romano Guerra, 2010, pp. 279-298.

JACQUES, Paola Bernstein. *Apologia da Deriva. Escritos Situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2003.

PERRONE-MOISES, Leyla. Paradoxos do nacionalismo literário na América Latina. In: *Estudos avançados*. [online]. 1997, vol.11, n.30, pp. 245-259. [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000200015]

RIETH, Flávia. NETO, Francisco Pereira. ALFONSO, Louise. *Pelotas-RS pelas suas margens: a patrimonialização como expressão das múltiplas formas de habitar a cidade*. Brasília: Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2018.

SEGRE, Roberto, relator. *América Latina en su arquitectura*. Cidade do México: Siglo XXI, 1983.

WAISMAN, Marina. Conceitos instrumentais para a análise da arquitetura a partir de um ponto de vista latino-americano. In: *O interior da história. Historiografia arquitetônica par auso de latino-americanos*. São Paulo, Perspectiva, 2013, pp.55-207.